



O SOLAR E O CARVALHO DE BARBOSA. (*)

DA antiquissima familia dos Sousas vem a não menos nobre dos Barbosas, ambas por altos feitos nomeadas. O solar desta progenie, representado em nossa estampa, é sito na freguezia de S. Miguel de Rans, tres quartos de legua distante de Penafiel; estabeleceu-o e deu appellido á familia D. Sancho Nunes de Barbosa, filho do conde D. Nuno de Cellanova, casado com D. Theresa Affonso, filha bastarda de D. Affonso Henriques. Contra a opinião do chronista Fr. Antonio Brandão mostra o sabio theatino, D. Antonio Caetano de Sousa, a real ascendencia desta senhora no tomo 1.º da Hist. Genealog. — O conde D. Pedro em seu Nobiliario começa em D. Sancho o ramo dos Barbosas, que se conservou na posse deste solar até o reinado de D. Affonso 3.º, sendo o ultimo senhor da mesma linha, segundo a opinião mais recebida, Martim Pires de Barbosa, que foi morto n'uma quinta por D. Pedro Fernandes de Castro. Houve entre os parentes do morto grandes contendas e rixas, e porfim passou a herdade á corôa. No reinado de D. João 1.º foi dado este solar e honra aos Malafaias e Azevedos, que praticaram grandes façanhas assim na restauração do reino contra Castella, como na tomada de Ceuta, e a sua varonia procede de Gonçalo Pires Malafaia, regedor da casa do civil, senhor de Bellas, da origem dos Tasiões, senhores da honra dos Malafaias e dos Avelares. Segue-se Luiz Gonçalves Malafaia, Vedor da Fazenda de D. Duarte, Rico-homem e embaixador a Castella. Juntou esta familia o apellido de Athaide, de D. Francisco de Athaide, que foi senhor da torre e solar de seu nome no concelho de Riba-Tamega. Entre outros foi desta ascendencia D. Francisco de Azevedo e Athaide, governador das armas d'Entre Douro e Minho, fidalgo de grande valor e entendimento; era padroeiro do

extincto convento de St.º Antonio de frades da provincia da Piedade na cidade de Penafiel, em cuja capella-mór tem o seu tumulo de pedra lavrada com a estatua deitada em cima, e o brazão d'armas de sua progenie. Possuam os senhores desta honra todos os fóros e privilegios ás outras concedidos, menos os que geralmente se cercearam no reinado de D. João 2.º, e muito posteriormente no de D. José 1.º — O erudito Antonio d'Almeida em sua Memoria topographica de Penafiel, inserta nas da Academia, diz que em 1819 algumas diligencias se fizeram para incorporar no termo da cidade, juntamente com outros territorios, a honra de Barbosa, por isso que se achava devoluta á corôa, e esta a tinha já cedido á cidade por alvará de 28 de junho de 1770; o que não teve effeito pelas causas que o auctor aponta. Caducaram hoje esses privilegios em rasão da lei vigente e novissima organização judiciaria e administrativa. O representante daquella casa é agora D. Miguel Vaz Guedes d'Athaide Azevedo Malafaia.

O que ha mais para notar nesta residencia antiga é o enorme e velhissimo carvalho denominado de Barbosa; este solarego passou incolume por todas as vicissitudes de seus diversos senhores; agora está decrepito, e bem decrepito; fôra moço, rijo e vigoroso, levantando aos ares copiosa ramagem, affrontando as lutas dos ventos, que afinal pelo lapso diuturno dos tempos o despojaram, restando-lhe a firmissima columna de seu tronco, que ainda mede quarenta palmos em circumferencia; poucos, espalhados ramos lhe guarnecem a cabeça, como as raras farripas de ancião robusto; e venerando ancião é elle, o mais velho da provincia, e porventura do reino. Está cavado interiormente com a capacidade para receber oito a dez pessoas: consta que ha um seculo, pouco mais ou menos, estava collocada nessa cavidade uma meza de pedra com assentos convenientes, onde jogavam os senhores da

(*) Devemos ao nosso benemerito correspondente o Sr. Simão Rodrigues Ferreira, de Penafiel, o presente desenho, assim como outros do mesmo districto já publicados.

honra de Barbosa; daqui veio o dizer-se que alli se faziam as audiencias: já tem do lado do nascente uma fenda d'alto abaixo com seis a oito palmos de largo n'algumas partes: assim mesmo ostenta vegetação. É das arvores seculares dignas por certo de memoria.

ATAULFO DE COMPOSTELLA.

(Lenda religiosa.)

(852.)

I

«REI Ordonho, o bispo de Compostella é falso e traidor a ti e ao teu reino; é infiel ao Christo e á fé.»—

«Padres em Deus, o bispo Ataulfo viveu sempre vida honrada e sem mancha. Silencio, que é vosso cabeça.»—

«Rei Ordonho, o bispo de Compostella tem maculado a opa santa com as nodoas de seus crimes e feito do bago sagrado vara profana de feiticeiro descrente para evocar as sensualidades do mundo.»—

«Padres em Deus, o bispo Ataulfo é varão justo e bom, que ha sempre seguido nos caminhos do mundo segundo os preceitos do céu. Silencio, que é vosso cabeça.»—

«Rei Ordonho, o bispo de Compostella quebra a paz serena das familias, corrompe os fieis com exemplo pestifero, e entrega seu corpo á torpeza e sua alma ao demonio.»—

«Padres em Deus, o bispo Ataulfo encosta-se com uma das mãos ás firmes columnas da fé, com a outra aberta espalha a caridade no seio do pobre e do vexado. Silencio, que é vosso cabeça.»—

«Cega-te o engano, rei Ordonho: rei Ordonho, o bispo de Compostella é um por fóra e outro por dentro. Suas virtudes são manto hypocrita; e só seus crimes são verdadeiros.»—

«Padres em Deus, cumpre ao Eterno o examinar-lhe a alma. O rei da terra não póde entrar nas intenções do espirito: julgue-o lá em cima o Rei do céu.»—

«Rei Ordonho, o bispo Ataulfo abusa do seu poder temporal, impõe, em teu nome, tributos ao povo, só elle se proclama dominador, e prèga na cadeira do evangelho á multidão que o escuta desobediencia e revolta. Rei Ordonho, o bispo Ataulfo é um sacerdote impuro e um vassallo desleal.»—

«Correi, aqui, correi, meus fieis asturianos. Ide á igreja de Compostella e trazei-me sem detença o bispo Ataulfo, o revel, o traidor, o maldito! Pela coróa de meu avô Pelagio veremos se ha nos reinos das Asturias quem valha mais que Ordonho, veremos se ha outras leis alem das que saem de meus paços para as ruas e praças da nobre Oviedo, e de Oviedo para as Hespanhas christãs. Ide-vos, ide-vos padres em Deus: viestes pedir justiça; justiça será feita, justiça inteira, justiça exemplar! Alderede e Piniol eram condes em seus condados, tinham vassallos e poder tamanho que faziam por seu proprio cargo e sua conta a guerra aos mouros de Cordova e de Granada, e com o estrondo de suas armas accordavam os receios dormidos no seio das nossas cidades. Pois bem; Alderede e Piniol rebelaram-se contra meu pai elrei Ramiro, e elrei Ramiro estendeu para elles a espada da sua justiça, descondou-os a ambos, e ao primeiro privou da luz

do céu e da vista dos homens, e ao segundo, e seus sete filhos traidores, golpeou com o mesmo ferro, e sepultou no mesmo tumulo. Ataulfo, Ataulfo não és mais que um bispo e és meu vassallo. Fiz-te sagrar para orares por mim e por meus reinos, e não para excitares o povo á revolta, que já por tantas vezes tem feito ensopar esta formosa terra de Hespanha em puro e nobre sangue asturiano e godo. Ataulfo, Ataulfo, bem póde matar bispos a espada que derrubou condes. Ataulfo, a Hespanha está farta de traidores. Ataulfo... soffrerás suplicio de traidor.»—

«Deus te guarde, soberano justiceiro, Deus te guarde, rei Ordonho.»—

«Deus guarde a Hespanha!»—

II.

Sõa nas torres de S. Tbiago o bronze santo chamando os fieis á oração.— Porque está assim o templo trajado de festa? porque se imbebe a multidão devota nos amplos portaes e se espalha pelas naves silenciosas? porque resplandece o altar ornado de flores novas e de centos de luseiros?— Vai celebrar sua missa solemne o senhor bispo de Compostella.

Se ha pouco entrasseis no recinto do santuario verieis tudo calado e religiosamente quieto. Nem um som de passadas humanas quebrava a mudez respeitosa do templo; nem uma palavra prophana devassava a solidão das aras; nem um som lá do mundo interrompia o mystico e interminavel hymno dos cherubins do altar, que sussurrava imperceptivel e mysterioso pelas naves abandonadas, já suspendendo-se nas columnas gigantes, já embrenhando-se nos mil rodeios das capellas solitarias.

É se vos entranhasseis no largo interior sentir-vos-hieis tomado de intimo respeito á vista de tamanha mudez e tão grande magestade, e verieis por entre as sombras religiosas que povoavam o templo luzir-vos a lampada do altar como estrella esperançosa no meio das trevas da vossa vida, — e ouvirieis nos echos sonoros dos marmores do pavimento fallar-vos a voz de Deus e a voz da fé. — É se um grande remorso ou uma dôr immensa vos callasse na alma, sentirieis ao prostrar-vos nos degraus do santuario entornando no seio do Senhor vossas preces fervorosas, sentirieis o balsamo do céu sarar-vos as chagas do coração, e novas e viçosas flores rebentar-vos da vida já esteril e gasta:

Porque a oração para o que soffre é o vaso em que Deus derramou as mais suaves consolações, é a enviada do céu, o vehiculo do perdão — é o maná do deserto!

E que differença agora na vasta igreja de S. Thiago! O templo está transformado: das largas paredes lavradas pendem estofos preciosos, rojando até ao chão, como vaidades cahidas. Entre as ennegrecidas columnas antigas baloiçam graciosamente grinaldas gentis mollemente embaladas pela harmoniosa brisa do templo. Recolhido e meditabundo ondêa o povo por entre as naves immensas. Accordada de largo somno a musica religiosa espalha sons accordes, melodiosos mas severos, por todas as almas piedosas alli juntas no santo recinto, e como um reflexo de celeste harmonia ergue o pensamento para Deus.

Porque está assim o templo trajado de festa? — porque se imbebe a multidão devota nos amplos portaes e se espalha pelas naves d'antes silenciosas, agora murmurantes e ruidosas? porque resplande-

ce o altar ornado de flores novas e de centos de luzeiros? — Vai celebrar sua missa solemne o senhor bispo de Compostella.

III.

«Deus te salve, senhor bispo Ataulfo.» —

«Salve-te Deus, cavalleiro d'elrei.» —

«Envia-me aqui D. Ordonho, a dizer-te que já e prestes te aparelhes a ir á sua presença real. Manda, senhor bispo, manda enfrear a tua haquenea de jornada, e apromptar teus escudeiros que vais seguir-me aos paços de Oviedo.

«Não te seguirei já, senhor cavalleiro d'elrei, que o povo me aguarda no templo e o evangelho no altar.

«Segue-me, senhor bispo Ataulfo, que D. Ordonho se impacienta, e cada momento de demora é um perigo novo que para ambos se nos alevanta.

«Não te seguirei já, senhor cavalleiro d'elrei, que vou celebrar minha missa solemne. Depois de Deus D. Ordonho, mas antes de Deus ninguem. Vai, senhor cavalleiro, vai dar-lhe esta minha resposta, e diz-lhe que mal finde o culto da Magestade eterna, irei render minha homenagem á magestade mundana.

«Vou levar tua mensagem, senhor bispo, e o céu permitta que della te não arrependas. — Deus te guarde, senhor bispo Ataulfo.

«Guarde-te Deus, senhor cavalleiro d'elrei.

IV.

Sóa o bronze sagrado nas torres de S. Thiago despedindo os fieis que sahem de ouvir a missa solemne do senhor bispo de Compostella.

Fecharam-se as portas do templo e tudo voltou ao silencio e á mystica paz da solidão. As luzes do altar estão apagadas, a musica adormeceu de novo; os echos do marmore já não suspiram no santuario, as naves estão desertas, e as columnas rendadas estendem os curvos braços para suster a abobada erma de sons, de reflexos e de flores. — E só tem luz a lampada do altar, e só tem voz a religião do evangelho!

E lá vai o senhor bispo de Compostella, caminho dos paços de Oviedo, ainda revestido de suas vestes sacrosantas, que para obedecer a elrei Ordonho, apoz o serviço de Deus, nem um instante espediçou.

V.

«Bispo Ataulfo de Compostella, vassallo traidor e desleal, porque ousaste desobedecer-me quando te chamei, e atraiçoar-me quando em ti me confiei!

«Rei Ordonho, escuta o teu servo

«Bispo Ataulfo de Compostella, envileceste a tua raça, manchaste a pureza de teu sangue, cobriste de luto o teu brilhante brasão godo, e o timbre de fidelidade de teus avós e os teus sessenta annos de virtudes passadas. Bispo Ataulfo de Compostella, prepara-te para o castigo tremendo. Que fizeste do povo da tua diocese? — impelliste-o á revolta e ao sangue. Que fizeste de teus juramentos de vassallo? — quebrantaste-os vilmente como um peão sem alma? — Que fizeste das ordens do teu rei e teu senhor? desprezaste-as e disseste em tua soberba: «Elrei que espere.» Bispo Ataulfo de Compostella, elrei esperou, mas ao pé d'elrei esperou a sua justiça. Em cada degrau do throno dos soberanos espreita a vigilancia dos vassallos fieis; na lealdade

da nobreza e no amor do povo repousam as suas bases. Tu, nobre, violando aquella lealdade, mereceste a morte. Tu, pastor infiel, abalando pela raiz aquelle amor no rebanho que te fôra entregue, mereceste a morte. Murrerás, bispo Ataulfo de Compostella, murrerás morte de infame aos olhos da multidão, prèa vil de escarneos e affrontas, exemplo para todos, e lição para cada um.

«Rei Ordonho, escuta o teu servo

«Bispo Ataulfo de Compostella, aqui diante da minha formosa e fiel nobreza de Oviedo e das Asturias, á vista de tanto puro sangue velho e godo, aqui eu te arranco as tuas vestes episcopaes, e te declaro villão e te dou por deshonorado.

«Rei Ordonho, escuta o teu servo

«Bispo Ataulfo de Compostella, ámanhã o povo das Asturias verá como Ordonho sabe castigar os que em seu nome o opprimem e com elle o malquistam, e a sentença que te dictar vêla-hão todos cumprida. — Assim seja.

«Deus do céu, em teus braços me entrego — tu já ouviste a minha justificação — em ti confio, ó Deus.

VI.

«Habitantes de Oviedo, povo das Asturias, christãos da Hespanha, quem quer vir ver o supplicio do bispo Ataulfo de Compostella, que vai a morrer no circo, despedaçado por um touro de Cordova, por crime de traição e desobediencia.

E o povo afflue de todas as partes ao amplo circo não para bater as palmas a uma carreira bem fornida ou a uma lança bem pregada, não para admirar as proezas d'uma justa formosa ou d'um vistoso torneio; mas para contemplarem a morte d'um homem indefezado e condemnado sem provas, só pelo dito d'alguns intrigantes invejosos, e pela cholera d'um rei imprudente.

«Habitantes de Oviedo, povo das Asturias, christãos da Hespanha, quem quer vir ver o supplicio do bispo Ataulfo de Compostella, que vai a morrer no circo, despedaçado por um touro de Cordova, por crime de traição e desobediencia.»

VII.

O circo está cheio. — O povo veio: vieram os nobres: vieram donas e donzellas; e todos se aparelhavam com suas galas como para uma festa real; e os corações dos moços e das formosas batiam não de receio pelo desgraçado que se ia assim a morte tão deshonorada e publica, mas de esperança e de ventura por seus amores bem-logrados. Veio tambem elrei e veio a sua còrte e vieram os que nos dias de felicidade se tinham chamado amigos de Ataulfo e vieram seus proprios accusadores com o sorriso na boca e no coração a serpe erriçada de espinhos infamados — o remorso. E o logar do supplicio fez-se logar d'espectaculo. E o populacho vociferava. E as donzellas sorriam. E os impios blasphemavam. E um sussurro fundo, immenso e ondeante pairava sobre a multidão agitada como o gemebundo agonisar do oceano apoz tormenta aturada.

Ataulfo appareceu!

Era um velho magestoso — o retrato de um justo — sereno o semblante, o porte magestoso, e o ar tranquillo.

A nobre velhice do ancião, e o donoso de suas respeitaveis caãs infundiu respeito na multidão e apertou os corações de muitos.

Depois houve momentos de silencio em que os seios femininos arfaram descompassados, e os olhos das turbas, que espontaneamente se ergueram, se cravaram ávidos e ardentes n'um ponto unico — na pequena porta por onde o touro devia de sahir.

Foi um momento de cruel incerteza e anciedade.

Por fim a porta abriu-se — e o touro appareceu. Era um formoso animal, possante, musculoso, e feroz — era o rei das campinas de Cordova.

Ataulfo, sereno e socegado, adiantou-se alguns passos fazendo o signal da cruz. O touro então raspando com as unhas a terra do circo e fazendo-a cahir em fina poeira sobre os espectadores attentos como se fôram um só homem, mugiu surdamente, e baixando os chifres agudos, arremeçou-se como um

raio sobre o servo de Deus que entoava em voz baixa um hymno de misericordia.

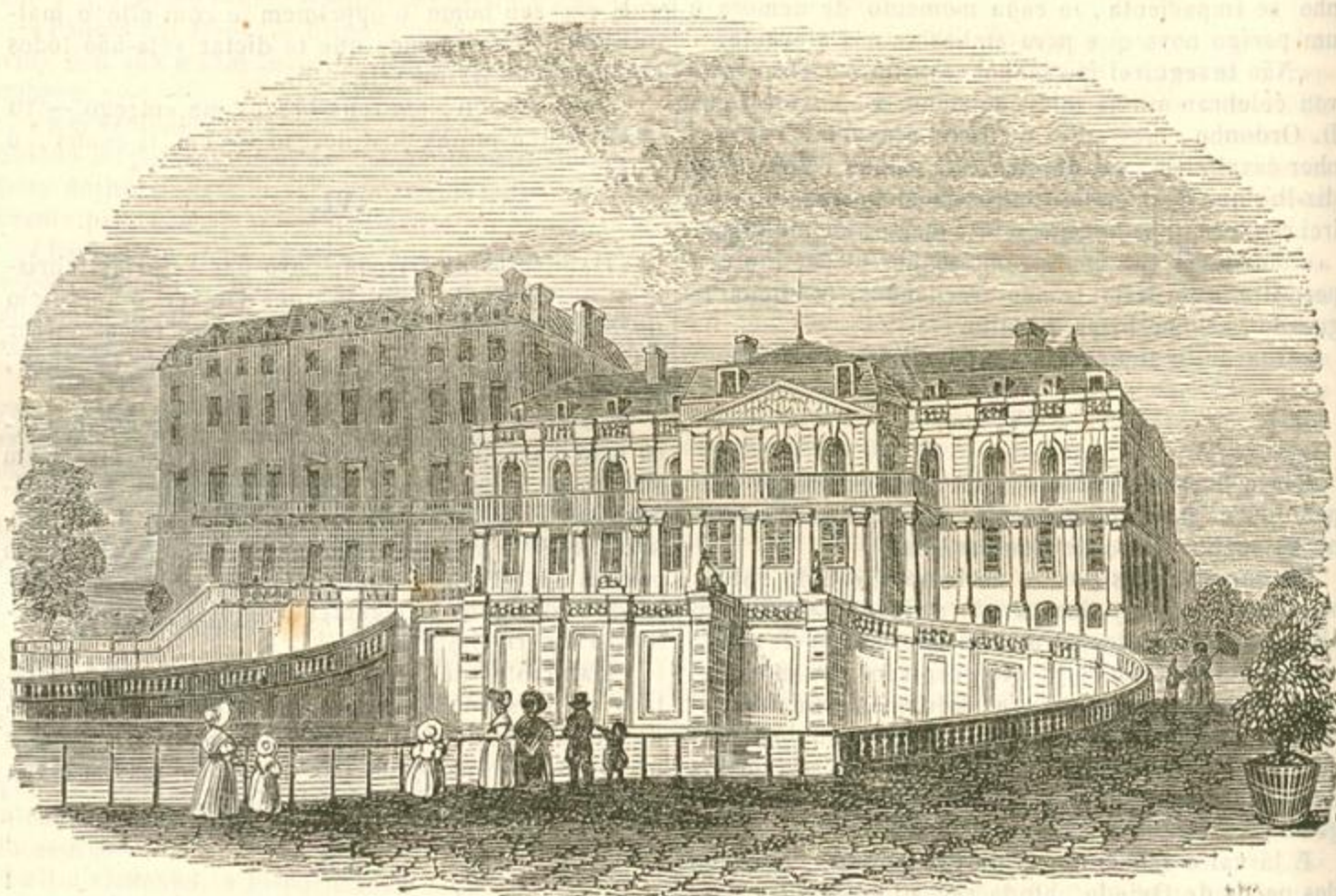
E uma como nuvem de fogo e sangue passou pelos olhos allucinados da multidão.

VIII.

..... E o bispo Ataulfo de Compostella estava são e salvo. — O touro de Cordova curvára a fronte tremenda aos pés do santo, e volvendo-lhe olhos meigos e reconhecidos, lambia affectuoso a mão que o affagava!

O milagre de Ataulfo de Compostella revelou á Hespanha um justo. — Ao rei um innocente. — E ao povo não poucos culpados. — Deus faz justiça!

Silva Leal — Junior.



S. t. CLOUD.

À duas leguas de Paris está a villa e palacio de S. t. Cloud, á beira do Sena, n'um grande seio que por alli faz este rio. A origem do nome é de mui remota antiguidade: referem que Clodoaldo, neto do rei Clovis, alcançou escapar á barbara perseguição de seus tios, que tinham morto seus sobrinhos, irmãos d'elle, para empolgarem a governança; retirado a este lugar ahi fundou, annos depois, um mosteiro na villa então dita de Nogent. Sendo com o andar dos tempos canonizado aquelle principe, o mosteiro tomou o nome de S. t. Cloud, e posteriormente edificaram junto á povoação um palacio, afamado não tanto pela magnificencia de sua fabrica como pela situação, e formosa vista, realçada com os amenos jardins, cascatas e fontes, e sobre tudo celebrado por ter sido a residencia mais estimada de Napoleão Buonaparte.

Um pateo mui espaçoso dá entrada ao paço, composto de tres angulos, e no centro ha uma fachada de 158 pés de largo e perto de oitenta d'altura. Nos angulos lateraes não ha tanta altura como no

centro: entrando pela porta principal se encontra uma grande escadaria á esquerda, cujas pilastras e balaustrada são de marmore escolhido; por ella se vai ao pavimento geral do palacio, cujos aposentos principaes são quatro salões, adornados com os ornamentos correspondentes, e que se distinguem pelos seguintes nomes, o salão da primavera que deita para o jardim; o do verão, que olha para o pateo; o do outono tambem para o mesmo lado; e o do inverno que fica da banda dos jardins. Em tempo do imperador todos estes quartos estavam preparados com estupenda magnificencia. As obras primas d'esculptura e pintura pertencentes á casa real de França, e tambem muitas tiradas aos gabinetes da Italia e da Hespanha serviram para aformosear a habitação de Buonaparte; sobre tudo os aposentos que occupava a imperatriz Maria Luiza pareciam palacios encantados: quanta riqueza podia produzir a arte se reuniu naquella sumptuosa residencia imperial.

Tem sido universalmente admirados os jardins de

S.^t Cloud, onde Buonaparte, no esplendor da sua gloria ajuntára quanto a natureza do logar ou o engenho dos artistas podia prestar ou suggerir: estatuas antigas e modernas, templos, aras, tanques, alamedas, canteiros de variadas flores, tudo alli está disposto com a mais vantajosa direcção e na ordem do melhor gosto. O palacio campêa sobre uma paizagem immensa; toda a cidade de Paris fórma o objecto principal da perspectiva, que adquire maior merecimento pelas voltas que dá o Sena serpejando por aquelle districto. Todavia a obra mais pasmosa em S.^t Cloud é a cascata grande, da qual ao diante daremos estampa e descripção.

PARALLELO HISTORICO.

Dedicação notavel: respeito á memoria dos homens illustres.

CONTA Plutarcho na vida d'Eumenes, que depois da morte prematura e imprevista d'Alexandre Magno não podendo seus principaes capitães concordar-se sobre a partilha e distribuição do collossal imperio que deixava vacante; e não querendo ceder uns aos outros a presidencia e primazia no conselho em que se havia de sentenciar e partir a mór herança de que ha exemplo nas historias, idearam um arbitrio que fazendo calar as vozes do orgulho os approximassem e trouxesse a algum bom resultado. O arbitrio foi o seguinte: — Adereçaram uma sala com a magnificencia que é de suppôr dos senhores da Asia e da melhor parte do mundo então conhecido; levantaram ali um estrado real, collocaram sobre elle o throno d'ouro de Dario em que se sentára Alexandre, e em cima dispozeram o sceptro, a corôa, e as demais insignias do grande homem: e ali, como se aquellas imagens insensíveis revestissem o grave ascendente e auctoridade de seu dono, é que Seleuco, Ptolomeu, Antiprato, Demetrio, Eumenes, e os demais pertensores á herança se concertaram, e convieram, sem alterações nem buliços da rivalidade e da cubiça, nas sortes da partilha. Tal era o respeito e acatamento á memoria d'Alexandre, que aquella sombra unicamente foi bastante a inspirar ordem e sabedoria naquelle ajuntamento em que pela qualidade e violencia de seus membros deveria naturalmente rebentar um cháos de confusão e desordem.

Muitos seculos depois tambem na nossa Hespanha se viu outro espectáculo, senão tão magestoso e real, muito mais nobre e interessante, porquanto não era a ambição e o calculo interesseiro da cubiça, mas antes as generosas e reaes sympathias da amizade, o zêlo da justiça e da defeza commum quem o inventára e produzira. Reinava, ou antes despedaçava e cobria de luto a desgraçada Castella um insano coroadado, um homem tigre, D. Pedro o cruel, contemporaneo de D. Pedro 1.^o o justiceiro em Portugal: ia elle no intoleravel frenesim de sua barbaridade sacrificando, uns após outros, todos os grandes personagens da sua côrte, e os senhores que ainda ao longe nas suas terras e castellos mal se escondiam para escapar a seus furores: no cathalogo de suas victimas entravam a rainha, alguns de seus proximos parentes, o condestavel de Castella, alguns dos mestres das Ordens, muitos dos grandes do reino; e outros haviam emigrado para varios paizes principalmente Portugal. No meio do terror e desolação que causavam tantas crupezas, tambem

houve corações nobres e assaz corajosos para se levantarem contra o inimigo commum; e na extremidade do reino de Castella, dentro do fortissimo castello d'Albuquerque, construido por um cavalleiro portuguez para livrar-se d'outra tyrannia e prepotencia, (*) se formou uma confederação de cavalleiros e senhores para unirem suas forças e concertarem os meios de escapar ao despota exterminador. A alma e o centro desta união era D. João Affonso d'Albuquerque, mais conhecido dos chronistas de tempo pelo nome de D. João o Torto, ao qual por seu nascimento, suas relações de familia, por seu conselho, riqueza, força, e valentia arvoraram e reconheceram todos os demais como chefe e director de suas medidas e operações para utilidade e salvação commum. Depois da morte deste, os mil e duzentos cavalleiros confederados continuaram a considerá-lo sempre como seu cabeça, e não quizeram affastar-se jámais daquelle centro d'união. Eis-aqui como o conde D. Pedro, tio paterno do falecido D. Affonso Sanches conta em summario esta estranha e enternecedora aventura: «aquelles senhores e cavalleiros poseram o corpo morto do seu chefe dentro d'um ataúde; e o traziam comsigo em suas reuniões, marchas, e peregrinações dentro de Castella; e quando tinham d'accordar sobre alguma cousa, ou entrar em conselho adornavam uma estancia ricamente, e collocado no meio della n'um alto estrado o ataúde, se assentavam ao redor, e começavam suas deliberações. O primeiro que nellas tinha voz era Ruy Dias *Cabeça de vacca*, ao qual todos os demais cediam esta primazia por lho haver assim recommendado o mesmo D. João Affonso.»

E já que fallámos das crupezas de D. Pedro 1.^o de Castella recordaremos aqui a nossos leitores o fim desgraçado deste principe aliás valente e corajoso, para que todos tirem daqui a moralidade proveitosa de que não ha senão um caminho seguro a seguir na vida humana, que é o da prudencia, da justiça, e da virtude. Este desventurado e aborrecido soberano viu não só os cavalleiros e fidalgos do seu reino conjurados contra sua tyrannia, mas seu proprio irmão D. Henrique de Trastamara, o bastardo, arvorar o estandarte da revolta, e formar dentro mesmo da côrte do rei um partido poderoso que lhe fez a guerra e por fim o supplantou. Henrique alcançou soccorros de França pela rasão de ser D. Pedro o alliado dos inglezes que então dominavam na Guienna, occupavam Bordeos e Baiona, e avisinhavam com a peninsula pelos Pyreneus. No começo da luta a fortuna favoreceu o tyranno que com o auxilio do famoso principe negro [depois rei Eduar-

(*) Este portuguez foi D. Affonso Sanches, filho natural d'elrei D. Diniz e d'uma fidalga tambem portugueza, D. Aldonça Rodrigues Telha: foi muito particularmente amado d'elrei seu pai que o fez seu mordomo-mór, ao qual trazia sempre comsigo, epelo que era odiado por seu irmão o principe D. Affonso, dito depois o *Bravo*, 4.^o rei do seu nome. D. Affonso Sanches casou com uma dama illustrissima e muito rica, D. Thereza Martins, por onde lhe veio o senhorio da villa e territorio d'Albuquerque na Estremadura hespanhola defronte de Campo-maior. Pela concordia que se seguiu depois da guerra civil entre elrei D. Diniz e o principe D. Affonso, foi obrigado o bastardo a largar o reino e a ir residir no reino visinho em Albuquerque onde mandou levantar e construir o fortissimo e inexpugnavel castello que ficou sendo uma das maravilhas da arte. A necessidade de prover a sua segurança foi a rasão desta construção que lhe foi bem util, pois que depois do falecimento d'elrei D. Diniz, o irmão lhe confiscou tudo em Portugal e o foi cercar no seu castello, mas inutilmente.

do 3.º d'Inglaterra] venceu a D. Henrique e aos francezes na batalha de Najara junto ao Ebro, ficando ahí prisioneiro o condestavel Duguesclin, o heroe francez daquella epocha. Foi por esta occasião que as damas francezas se quizeram encarregar do resgate do nobre prisioneiro, e mandaram vender suas joias para apromptar-se o preço de sua *rançon*. Porem as amizades com os máus são pouco duradouras, quando não são logração e prejuizo como já o disse o fabulista grego: D. Pedro, embevecido com o seu triumpho, soltou todos os diques de suas crueldades, dedicou-se todo a cevar sua sêde insaciavel de vingança; faltando a todos os concertos, alienou do seu partido o proprio principe de Galles; e quando reforçado e poderoso voltou aos combates Henrique de Trastamara acompanhado do mesmo condestavel de França, não achou alliado senão nos mouros de Granada á custa da ignominia e dos pesados sacrificios de cessões de territorio. Avançava Henrique pelo interior do reino; todas as cidades, villas, e fortalezas lhe abriam as portas como a um libertador, e na Mancha, junto a Montiel, se deu aquella fatal e decretoria batalha que a Providencia em sua justiça havia talhado para pôr um termo a tanta maldade. D. Pedro derrotado acolheu-se ao castello ahí visinho; cercado, quiz ver se poderia escapar-se; mas achou em volta os muros de aço dos guerreiros victoriosos, e a vigilancia do odio do irmão irritadissimo: abriu então concertos com Duguesclin, (::) o qual sem querer obrigar-se a concerto algum especial dos negocios propostos accedeu todavia a recebê-lo na sua tenda. O desamparado monarcha ahí foi ter n'uma noite para isso ajustada; mas apenas havia entrado lhe apparece vindo de fóra sanhudo e enfurecido o irmão, que soltando da boca convicios afrontosos puxou d'uma adaga e o feriu no rosto: seguiu-se incontinentemente uma luta enraivada como de duas feras que procuram despedaçar-se: D. Pedro mais forçoso levou o irmão debaixo, mas ou o mesmo condestavel, ou algum dos seus guerreiros foi em ajuda de D. Henrique e lhe fez tomar o logar superior; e então repetindo os golpes ahí mesmo deixou estendido morto ao rei seu irmão. Reparem nossos leitores neste successo, e vejam se podem julgar favoravelmente a desculpa de Duguesclin, quando depois d'um attentado commettido dentro da sua tenda contra a fé da hospitalidade e dos fóros da desgraça, se escusou dizendo: — *«yo ni quito rey, ni pongo rey, pero sirvo a mi Señor»* — nós julgámos contra.

J. da C. N. C.

A ACADEMIA DOS SILENCIOSOS.

HAVIA em Amadan, na Persia, uma academia denominada *dos silenciosos*, cujo primeiro estatuto era concebido nestes termos:

« Os academicos pensarão muito; — escreverão pouco; — e fallarão o menos possivel. »

No reino da Persia não havia um verdadeiro sabio que não tivesse ambição de ser admittido como membro desta academia singular.

(::) Este nome é mais um exemplo das inversões e estropeamento muito communs nos historiadores de cousas estrangeiras. O chronista portuguez que escreveu a vida d'el-rei D. Pedro de Portugal, fallando com muita particularidade deste successo contemporaneo, e paralelo, denomina sempre o condestavel — *« Beltran de Claquein. »* — Quem por ahí adivinharia *Duguesclin*?

O doutor Zeb, auctor celebre por um excellente livrinho intitulado *le Ballon*, vivia no canto de uma provincia; mas constando-lhe que naquella academia havia um logar vago, pôz-se logo a caminho, e chegando a Amadan appresentou-se á porta da sala das conferencias dos academicos, e pediu ao porteiro que entregasse ao presidente da academia um bilhete concebido nestes termos: *O doutor Zeb pede humildemente o logar que está vago.* O porteiro cumpriu logo o seu mandato; mas o doutor e o seu bilhete haviam chegado demasiado tarde, porque o logar já estava provido.

A academia sentiu desgosto com este contratempo. Ella algum tanto a seu pezar havia admittido um homem que por sua eloquencia viva e ligeira fazia as delicias da côrte e das praças; e agora a academia achava-se na impossibilidade de admittir o doutor Zeb, que aliás era não só um engenho distincto e solido, mas o flagello dos falladores.

O presidente da academia havendo de communicar ao doutor Zeb esta desagradavel noticia, achava-se em alguma difficuldade para desempenhar a sua commissão. Mas depois de pensar um pouco mandou encher um grande côpo d'agua, e de maneira que não podesse levar mais uma só gota sem trahbordar. Fez então signal para que entrasse o doutor Zeb. Este appresentou-se com o ar simples e modesto que sempre acompanha o verdadeiro merecimento.

O presidente sem proferir uma só palavra, mas com ar triste, levantou-se e mostrou ao doutor aquelle côpo emblematico que se achava tão cheio.

O doutor comprehendeu logo que não havia logar vago; mas sem perder coragem deu a entender que poderia ser admittido como *academico supra-numerario*. Vendo então a seus pés uma folha de rosa, levantou-a e lançou-a na superficie da agua com tal delicadeza que não trahbordou uma só gota. Toda a assembléa deu palmas a esta engenhosa resposta; e dispensadas as formalidades ordinarias o candidato foi admittido como supra-numerario.

Appresentaram-lhe então, como era de costume, o livro de registo da academia, onde os membros novamente admittidos deviam escrever os seus nomes. Elle escreveu o seu; e devendo, segundo o estylo, recitar um breve discurso ou phrase d'agradecimento, o doutor Zeb como academico verdadeiramente *silencioso*, agradeceu sem dizer uma só palavra. — Escreveu pois á margem o numero 100, que era o dos seus novos collegas, e pondo uma cifra ou zero antes daquelle numero por este modo 0100, accrescentou — *«Elles não valerão nem menos, nem mais.»* — Então o presidente respondeu ao modesto doutor com tanta polidez como presença de espirito, pondo o algarismo 1 antes do numero 100 pela maneira seguinte 1100; e accrescentou: *«elles valerão dez vezes mais.»* — [Abbadé Blanchet].

Filippe Ferreira d'Araujo e Castro.

AMOR DA PATRIA.

O INSTITUTO de França propoz ha muitos annos o programma seguinte: — Porque rasão o progresso das sciencias e da cultura do espirito não era correspondido de iguaes vantagens na moral e nos costumes. — Passaram muitos tempos sem que uma só memoria se appresentasse sobre a materia, até que n'uma das sessões ultimas a que assistiu o antigo litterato Mr. Marét, [duque de Bassano e ministro

do imperio] ahí pelos annos de 1836 ou 1837, leu elle um escripto offerecido ao mesmo Instituto ácerca do programma, e [honra seja ao bello sexo] foi uma dama franceza que quasi decifrou o enigma, e mereceu as honras do *accessit*. Nós não tivemos occasião de lèr a dita memoria; mas queremos persuadir-nos que o phenomeno não era tão difficil de resolver, como indicava aquella demora. E deixando de parte o concurso de causas complexas que podem contribuir para aquelle resultado, uma só distincção, se nos figura, póde resolver a difficuldade: = as sciencias tem o seu assento no espirito, as virtudes nascem do coração. = Se a educação se dirigisse com igual esmero a cultivar um e outro, se á proporção que as virtudes se fossem gravando no coração da mocidade pela moral religiosa, pela lição dos bons livros, e mais que tudo pelos exemplos salutaes, se cultivasse ao mesmo tempo o entendimento, o espirito com todas as suas faculdades, seriam os homens perfeitos quanto o soffre sua natureza finita, e o programma desconsolador desaparecia. Porem ordinaria e tristemente o negocio corre ao avêso; é nenhuma, ou muito fraca a educação religiosa, muitos os exemplos d'ambição, de vaidade, e de corrupção; e as sciencias são cultivadas somente como meio de satisfazer aquellas paixões: o resultado deve ser ou o ennuuciado no programma, ou peor do que isso — o desfinhamento da moral e dos costumes ao lado de um progresso [apparente muitas vezes] nas sciencias e nas artes.

Nós não somos inimigos destas: sabemos prezar as glorias litterarias, amar os brilhantes monumentos das artes, gosar da civilização, doçura, e amenidade da vida social de nossos tempos: vendo porem que de dia em dia se vai desfinhando a virtude, perdendo o character vigoroso e masculino de nossos antepassados, tratadas com indifferença, e quasi com desprezo a sensatez sisuda, a probidade severa; quando notámos que muitas vezes a honra antiga está toda nos beiços, e desapossada do coração, lembra-nos a sorte do Baixo imperio que disputava nos circos, nas academias, e nos theatros o premio da excellencia nas sciencias e nas artes, e se deixava ir despojando e retalhando pelos barbaros. Com effeito jámais a sciencia e o brilhantismo das artes salvou as nações, quando atacadas pelo verdadeiro valor acompanhado da força; ahí está a historia antiga e moderna para o atestar. Perguntava-se a um dos sabios da Grecia como é que os homens poderiam triumphar de seus inimigos: = quando, respondeu, preferirem a morte á infamia da escravidão. =

Aquelle profundo e generoso amor da patria com que os portuguezes dos primeiros seculos da monarchia defenderam sua independencia, ameaçada e disputada de continuo pelo grande poder de Castella, ao mesmo passo que iam resgatando do captivo de mouros as terras lusitanas, outra origem não teve mais do que na virtude que engendra o patriotismo. Naquelles tempos, a que justamente chamámos duros, rudes á certos respeitoes, resplandecia com tudo de mil maneiras aquelle sentimento nobre que jámais se esquece do bem commum, da honra da patria: é este sentimento que transluz no character nacional daquella idade atravez mesmo das paixões e das fraquezas a que toda a humanidade está sujeita. O egoismo sórdido e mesquinho era então planta exotica no solo portuguez. Consultem-se os documentos dos cartorios, os monumentos das artes, essas grandiosas e estupendas fundações re-

ligiosas e profanas, e acharemos que todas ellas são devidas ao patriotismo. — *Somos escassos de louvores*, dizia Plinio o moço n'uma de suas cartas, *desde que cessámos de fazer acções louvaveis*: façamos portanto alguma cousa para que alcancemos a immortalidade, e se faltar o galardão no presente, asseguremo-lo na posteridade.

Entre os exemplos memoraveis de fundações publicas, nacionaes, devidas ao patriotismo, recordaremos aquelles que respeitam sómente ao objecto — Pontes. — Todas ellas foram pela segunda vez construidas desde que a monarchia se estabeleceu, com a pequena excepção das que desde o tempo dos romanos permaneceram intactas no paiz, as quaes não passam de tres, contando a d'Alcantara sobre o Tejo. Não foi o governo, não foram os tributos, e os serviços impostos ao povo, assim opprimido, quem erigiu estes indispensaveis monumentos de transito, foram deixas particulares, foi o patriotismo. Apondaremos aquellas que agora nos occorrem: possa a reminiscencia que aqui fazemos despertar o brio dos homens ricos, desses colossos de fortuna accumulada em nossos dias, a praticarem alguma cousa para o bem commum, a assegurarem para depois da vida o renome d'uma acção briosa.

Construcção de pontes no reino em os primeiros seculos da monarchia.

A primeira de que a historia nos dá noticia foi a de Coimbra sobre o Mondego. Foi o magnanimo fundador da monarchia que lhe deu principio: tudo quanto se diz de *ponte sobre ponte, de tres pontes sobrepostas*, e outras expressões indicando construcção mais antiga, carece de fundamento (*). A chronica gothica nos conservou esta memoria dizendo: = Era 1170 [de Christo 1132] quarto Idus Decembris prædictus rex Donnus Alphonsus cepit dedicare monasterium sanctæ Crucis et pontem fluminis juxta civitatem anno regni sui quarto. = Parece que ella se não acabou de todo durante a vida deste soberano, talvez por causa de suas continuas expedições e guerras, porque no primeiro testamento de seu filho e successor elrei D. Sancho ainda se deixa um legado em dinheiro com essa applicação.

A segunda foi a *ponte do Douro* em frente de Barró onde hoje em dia se chama barca do Bernaldo: o auctor do Elucidario mostrou que esta ponte ahí existiu onde ainda se descobrem pedestaes dos arcos, ignorando-se quem primeiro a fabricou, e quando se demoliu. Communmente se attribue á rainha D. Mafalda, e até uma tradição popular refere um conto romantico de se lhe haver afogado um menino na agua contida na pégada d'um boi; desastre que lhe suscitou a idéa de livrar por meio da ponte os passageiros d'outras contingencias desagradaveis. Mas como neste tempo havia duas Mafaldas, ambas rainhas, mãe e filha, a tradição decide-se mais pela filha, [senão foi a neta a que fundou o mosteiro de freiras em Arouca] o que todavia repugna ao conto do filho afogado, pois o não teve. O certo é que já no anno 1179 elrei D. Affonso Henriques fizera donativo para a dita construcção = *Et dedi abbati et fratribus S. Joannis de Tarauca*

(*) Lembra-nos de haver lido n'uma das edições da Geographia de Lacroix, fallando de Coimbra: « ahí se admira a famosa ponte construida sobre tres ordens de arcos. » O que deu logar a estas puerilidades é que elrei D. Manuel, achando a ponte primeira aterrada pelas areias, a levantou até ao logar das espheras. *Vide Dam. de Goes.*

300 morabitinos quos mando dari ponti Dorii. — Era esta ponte a que dava transito do Porto para Lamego; e que existia no anno de 1205 se prova por um documento de Salzedas, em que D. Sancha Bermudes, mulher de D. Sueiro Viegas, declara ter uma herdade sita á ponte do Douro. Nós inclinámo-nos a crer que esta construcção se deveu á rainha mulher d'elrei D. Affonso Henriques.

Terceira foi a de Canavezes sobre o Tamega, fundada, assim como a albergaria contigua, pela sobredita rainha. O mesmo auctor do Elucidario pretende, levado de certas passagens de documentos coevos, que a primeira rainha de Portugal D. Thezeza, mulher do conde D. Henrique, fôra quem dera principio áquellas fundações, as quaes não sendo acabadas em seu tempo seriam continuadas, senão concluidas, por sua nora: é certo que as rendas e propriedades que deviam fazer subsistir o estabelecimento foram deixadas por aquella rainha.

Successivamente nos reinados seguintes se foram construindo muitas outras até aos tempos d'elrei D. Diniz, a saber, a d'Agueda, Vouga, Ave, e outras sobre este ultimo rio, sobre o Cávado e Visela. E estas edificações eram ou feitas desde o começo, ou continuadas e concluidas á custa de donativos voluntarios, deixas e legados de particulares. Disto se encontram memorias dispersas pelos documentos do tempo. Devendo notar-se que as fundações daquella epocha, ainda as mesmas que tinham um cunho religioso eram igualmente destinadas ao bem da humanidade, e portanto philantropicas para nos servirmos do vocabulo da moda. As igrejas e mosteiros construidos, e dotados pelos fundadores e padroeiros tinham ordinariamente a condição de dar esmolas, e pousada aos pobres e miseraveis, e muitas vezes obrigação de ensinar as primeiras lettras e a doutrina christã, como se praticava nas cathedraes. As albergarias eram destinadas á pousada, e alimento dos pobres passageiros e peregrinos n'um tempo em que não havia estalagens, nem povoações frequentes. As romagens muito em voga a Santiago de Compostella fizeram multiplicar muito estes estabelecimentos: e nota-se que algumas estão dispostas justamente na estrada de transito como eram as de Canavezes, Villa-real, e Villar de Perdizes. Voltamos ao assumpto.

Logo depois daquellas tres pontes acima nomeadas, se construíram muitas outras simultaneamente nas provincias do Minho e Beira. Foi um grande serviço que fez o academico João Pedro Ribeiro dando-nos em suas dissertações extractos das cousas mais interessantes, contidas no Censual do Porto. Ahi encontrámos no testamento do bispo D. Fernam Martins, fallecido na era de 1223 [que é o anno de Christo 1185] a verba seguinte: = *Quinque modios ponti de Dorio, de Cervas, de D. Goncina, e de D. Cemario.* = Vê-se daqui estarem em effectiva construcção, ou ao menos em projecto, as pontes do Douro, [a mesma de que já fallámos] a de Cerva sobre o Tamega, a de Lagoncinhos sobre o Ave, e a outra que não atinámos qual seja.

Do testamento de Gonçalo Gonçalves, chantre do Porto e de Coimbra [ditas Dissert. tom. 5.º pag. 81] se acha a seguinte notavel verba: = *A' ponte do Vouga, Agueda, Seira, Albia, Canavezes ancipitrum meum, meos panos de tritania, et annulum meum de rubibalais.* = Tal era o zelo do testador, que não tendo dinheiro de que dispôr, deixava em legado para a edificação das pontes do Vouga, Agueda, de Ceira, Alva, e de Canavezes cousas, que só ven-

didadas e reduzidas a numerario, podiam aproveitar. Este documento é da era de 1300 [de Christo 1262]; e por elle nos consta que ou a ponte de Canavezes se não concluiu nos primeiros reinados, mas passára até ao 4.º, ou que a deixa comprehendia talvez o entretenimento e conservação do edificio. Esta noticia é importante por nos apontar a epocha da construcção das outras, particularmente das do Ceira, e Alva de que não tínhamos outra memoria.

Trinta e seis annos depois o bispo da mesma diocese do Porto D. Sancho, no anno de 1298, fez tambem seu testamento, e nelle instituiu um legado: — ás pontes de Canavezes, Vouga, e Agueda — d'uma certa somma de dinheiro.

No tempo d'elrei D. Affonso 3.º dois religiosos dominicos deram exemplo de patriotismo singular, pondo-se cada um delles á testa d'uma grandiosa fundação; e por sua industria, zelo, e dedicação singular construíram-se as duas primeiras pontes de Amarante, e de Cavés sobre o Tamega. Foram estes S. Gonçalo chamado o d'Amarante, e S. Lourenço Mendes Charim, oriundo de Guimarães da familia illustre do seu appellido. Podem ver-se as particularidades destas duas fundações na Historia Geral de S. Domingos, alem d'outros escriptores.

Ainda quasi nos nossos dias o illustre prelado de Lamego D. Manuel de Vasconcellos á sua custa, e incitado sómente pelas considerações do bem geral e espirital de seu rebanho, muitas vezes atalhado, e interceptado pelas enchentes do rio Paiva, lançou na villa d'Alvarenga, a elegante e arrojada ponte que dá transito facil atravez do ingreme e penhascoso do sitio. Esta é a ultima construcção desta especie de que temos noticia, feita por bizzaria particular.

J. da C. N. C.

EXPOSIÇÃO DA INDUSTRIA NACIONAL.

Em o n.º 132 no principio de julho preterito reproduzimos o convite que a zelosa Sociedade Promotora da Industria nacional fez as todas as pessoas que exercitam as artes, ou as cultivam por mera inclinação e passatempo, assim de que concorressem á nova exposição com os productos apurados da sua applicação e trabalho, levando cada um contingentes, da somma dos quaes resultasse um acto apparatoso, como convem ao pundonor nacional, e á reputação dos artistas portuguezes.

Vemos com vivo prazer, que não foi desattendido este convite da Sociedade Promotora, o que é por certo de bom agouro para a nossa industria, porquanto a exposição não teria logar, e tão proxima-mente, se não tivessem concorrido, no prazo fixado naquelle primeiro annuncio, numerosas declarações das que no mesmo se requeriam para assegurar a realisação desta solemnidade artistica. Apressamo-nos pois a dar aviso aos nossos leitores, especialmente aquelles a quem isto mais importa, a saber, *fabricantes, artistas, proprietarios de officinas, e de laboratorios e bem assim aos curiosos*, de que até o dia 26 do corrente agosto se devem depositar no local da Sociedade Promotora, no extincto convento dos Paulistas, os artefactos que houverem de ser apresentados na exposição industrial, assim de que esta seja patente ao publico no 1.º de Setembro.

É mais necessaria a moderação na ventura e prazeres do que a constancia na adversidade e desgostos.